

CNPq

Bolsa de Pós-Doutorado Sênior

Título do Projeto de Pesquisa:

Comte, leitor de Aristóteles

(Considerações sobre a gênese da “estática social” positivista)

Pesquisadora:

Profa. Doutora Lelita Oliveira Benoit

Supervisora:

Profa. Doutora Marilena Chauí

Instituição de origem:

Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo

2007

Índice

<i>1. Resumo</i>	<i>3</i>
<i>2. Introdução</i>	<i>5</i>
<i>3. Justificativa</i>	<i>9</i>
<i>4. Metodologia</i>	<i>11</i>
<i>5. Plano de trabalho e cronograma de execução</i>	<i>14</i>
<i>6. Síntese da bibliografia fundamental</i>	<i>14</i>

1. Resumo

Propõe-se aqui uma investigação acerca de uma questão ainda inexplorada, a da leitura e interpretação positivista da ética e da política de Aristóteles, trabalho teórico este realizado no século XIX por Auguste Comte. Segundo a ótica comteana seria possível localizar, nos escritos éticos e políticos aristotélicos, conceitos que seriam a matriz teórica da sociologia positivista. Pretende-se, nessa pesquisa, localizar e reconstruir a trama conceitual da leitura comteana de Aristóteles; e em seguida, confrontá-la aos textos originários gregos, sob a luz dos seus atuais estudos, sobretudo daqueles que se voltam para o *corpus* da chamada “biologia” aristotélica¹.

Nos textos de Comte, em particular no *Curso de Filosofia Positiva* (1830-1842), obra na qual é construído o arcabouço teórico da sociologia, mas sobretudo no *Sistema de Política Positiva, ou Tratado de Sociologia instituindo a Religião da Humanidade* (1851-1854), enfatiza-se a importância dos estudos de “estática social” (ou teoria positivista da Ordem) em detrimento daqueles da “dinâmica social” (ou teoria positivista do Progresso). Os estudos de estática social privilegiados por Comte, fundam as investigações da dinâmica social, ambos constituindo, segundo ele próprio, as duas subdivisões epistemológicas da sociologia comteana.

A grande importância que Comte deu aos conceitos da estática positivista quando se tratou dos procedimentos de construção da filosofia positivista, serão reafirmados nas suas obras subsequentes, sobretudo no *Sistema de Política Positiva*. É nesta obra da maturidade que, ao referir-se uma vez mais aos conceitos da estática social, ao retomá-los e reconstruí-los em sua forma mais acabada, Comte também, ao mesmo tempo, remete-os à teoria aristotélica atribuindo, em certo sentido, ao filósofo grego, a fundação originária da sociologia positivista. Desse modo, conceitos essenciais tais como os de "imagem hierarquizada do mundo", de "separação do poder temporal-espiritual", de "propriedade privada e da divisão do trabalho," de família enquanto "instituição natural", de "função feminina subordinada", entre outros, são remetidos à sua suposta

¹ Na realidade, trata-se de anacronismo utilizar o termo « biologia » para Aristóteles. Como explica Canguilhem, esta palavra foi criada somente no início do século XIX: “Inventé simultanément et séparément, vers 1802, par Lamarck et par Treviranus, repris par Fodera, en 1826, dans un *Discours sur la biologie ou science de la vie (...)* » (Canguilhem, Georges. “Auguste Comte – I. La Philosophie biologique d’Auguste Comte et son influence en France au XIXe. siècle”. In: *Études d’Histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris, Vrin, 1989, p. 64). Contudo, seguirei aqui os diversos autores contemporâneos, empregando a palavra “biologia” para me referir a alguns dos textos do *corpus* aristotélico.

matriz aristotélica. Ainda no *Sistema*, Comte sustenta que a ética aristotélica "do justo meio" seria, na verdade, em suas próprias palavras, o "preâmbulo indispensável à moral positivista". Finalmente, defende-se, no *Sistema*, a tese segundo a qual em Aristóteles se encontraria o esboço da "biologia positivista", ela própria paradigma essencial das categorias da estática social comteana. Como se vê, Comte caminha no sentido da leitura ou da apropriação epistemológica de alguns conceitos supostamente aristotélicos enquanto categorias originárias do positivismo, sobretudo dos conceitos da Estática social ou teoria da Ordem.

A pergunta que me guiará nessa investigação é a seguinte: em que aspectos esta leitura comteana constrói pontes reais com os conceitos aristotélicos? Ou poderíamos descrever essa leitura comteana tão somente como um trabalho de projeção da ideologia positivista sobre as teses originárias aristotélicas da ética, da política e da biologia?

Minha pesquisa se desenvolverá em três etapas: 1a.) localizarei e reconstruirei a trama discursiva da estática social, através da releitura e análise do *Sistema*; 2a.) à luz dos resultados obtidos, investigarei inicialmente os escritos éticos e políticos de Aristóteles, bem como os comentários contemporâneos a estes textos, procurando assim circunscrever o campo conceitual que, segundo Comte, instauraria vínculos com a estática positivista; 3a.) estudarei em seguida as referências comteanas à biologia de Aristóteles, para investigar o seu modo de utilização positivista, apoiando essa investigação, quando necessário, nos estudos contemporâneos específicos a essa temática. Acredito que após esses estudos e reflexões poderei descrever a leitura comteana do conjunto de textos aristotélicos sobre a política, a ética e a suas supostas mediações biológicas².

Uma breve explicação deve ser acrescida ao que já foi exposto sobre os objetivos e caminhos específicos ao presente projeto. Ressalto que o atual projeto retoma, para aprofundá-las, as breves considerações relativas à leitura comteana de Aristóteles, que desenvolvi em minha tese de doutorado, *Sociologia comteana: gênese e devir*³. Naquele livro, sobretudo em notas de pé-de-

² Como se pode verificar pelo que foi apresentado até aqui, o atual projeto caracteriza-se, do ponto de vista metodológico, pela ausência de uma hipótese claramente formulada. Como explicarei em outra parte deste projeto (cf. Metodologia, p. 12 e sgs.), não penso trabalhar com hipóteses tomadas como *fundamento*, segundo a concepções metodológicas de inspiração cartesiana.

³cf. livro homônimo, publicado em 1999, em co-edição Discurso Editorial/Fapesp, com tradução para a língua francesa, intitulada *Sociologie comtienne: genèse et devenir*. Trad. Lygia Watanabe. Prefácio Marilena Chauí. Paris: L'Harmattan, em co-edição com a Fapesp e o Ministério da Cultura do Brasil, (no prelo).

página, e portanto bem rapidamente, pude fazer referências às vinculações _ estabelecidas pelo próprio Comte _ de uma gênese aristotélica da sociologia positivista, enquanto saber fundador do projeto da filosofia positiva.

Além disso, cabe lembrar aqui que o atual projeto de pesquisa inscreve-se, em um mais amplo quadro de preocupações com a gênese da teoria social no século XIX, que têm me guiado desde o mestrado⁴, havendo se estendido até o pós-doutorado⁵.

Pretendo completar o projeto acima com as atuais pesquisas, cujos resultados apresentarei em um ensaio voltado para a questão da leitura positivista da ética e da política de Aristóteles.

2. Introdução

Nos quatro volumes do *Sistema de Política Positiva*, Comte se refere exaustivamente à filosofia aristotélica, pensada ali como matriz conceitual do positivismo, em suas diversas manifestações, como epistemologia, como lógica, como teoria do conhecimento, como filosofia das ciências, e particularmente, como gênese do pensamento ético-político positivista.

Sob o aspecto epistemológico, a teoria aristotélica poderia, segundo Comte, ser comparada à positivista, na medida em que ambas concebem a “filosofia primeira” (*próte philosophía*), enquanto “totalidade dos saberes”. Porém Aristóteles, de um modo geral, como aliás toda filosofia grega, não teria ultrapassado os limites do “estado metafísico” do saber. Na Grécia, não teria acontecido, como se deu na Europa do século XVI em diante, o desenvolvimento das ciências positivas, e jamais se teria se chegado portanto, entre os gregos, a uma “verdadeira filosofia natural”. Porém, como ainda escreve Comte, “a insuficiência das bases indutivas e dedutivas não impediu nunca que os verdadeiros pensadores utilizassem seu poder sintético para instituir visões de conjunto decisivas, que apesar de sua incoerência natural, comportaram uma preciosa eficácia, sobretudo lógica, e mesmo, científica” (*Système de Politique Positive*, T. III, p.

⁴ Cf. de minha autoria, *A unidade (dilacerada) da razão positiva de Auguste Comte*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de São Paulo, 1991.

⁵ Ocasão em que estudei origens saint-simonianas da sociologia positivista e suas implicações com a crítica marxista clássica, pesquisa esta que resultou em um livro, ainda inédito, intitulado provisoriamente: *Da utopia industrial ao socialismo utópico (Um estudo da obra de Henri de Saint-Simon)*.

305). Este teria sido, em particular, o caso de Aristóteles, que em seus textos ofereceria um verdadeiro modelo para as modernas investigações filosófico-positivistas.

Em sentido oposto ao da filosofia grega, e com certa inspiração aristotélica, Comte pensava estar, ele próprio, desenhando o quadro de preocupações no âmbito das quais uma racionalidade realmente positiva tomaria existência, na época moderna. Nesse sentido, as primeiras quarenta e cinco “Lições” do *Curso de Filosofia Positiva* são dedicadas a pensar “a razão em seus resultados”, ou seja, aqueles textos se dedicam à reflexão acerca do “conjunto lógico e histórico das ciências positivas”, e assim, por meio dessa investigação, pretende-se estar ali realizando a síntese da razão moderna como enciclopédica do conjunto dos saberes positivos da época moderna, desde o século XVI. Portanto, segundo Comte, a *filosofia das ciências* _ na “Lições” chamada de “filosofia primeira” _ estaria substituindo as *metafísicas tradicionais*, incluindo-se aqui a de origem aristotélica. A reflexão sobre a história, os métodos e os objetos da matemática, da astronomia, da física, da química e da biologia delimitariam, por assim dizer, o campo da verdadeira auto-reflexão da razão, contra as divagações da metafísica Ocidental”, para usarmos as palavras de Comte.

Contudo, a enciclopédia positivista, como pretende Comte, teria algumas proximidades com o modelo aristotélico. Como sabemos, a classificação aristotélica dos saberes é construída de tal modo que nela não está incluída a Lógica, ou seja, o *Organon* aristotélico foi concebido como um saber de algum modo periférico, embora essencial, destinado, em sua totalidade, a ser instrumento do pensamento e a fornecer as chaves da correção e do rigor do raciocínio. Por conseguinte, pode-se dizer que a Lógica não se refere a nenhum conteúdo determinado, a nenhum *ser* em particular, mas sim às formas permanentes do pensamento e às estruturas universais do raciocínio. Ora, na “Lição 2” do *Curso de Filosofia Positiva*, Comte faz a classificação positivista das ciências, com a exclusão de um saber específico, o da Matemática. Ao menos à primeira vista e sob uma análise superficial, se desenhariam aqui evidentes semelhanças com *Organon* aristotélico, pois, na classificação positivista, a Matemática também é pensada como ocupando lugar externo à hierarquia enciclopédica, por se apresentar como um autêntico saber instrumental. No caso comteano, a Matemática seria uma ferramenta útil ao desenvolvimento das modernas ciências positivas _ a astronomia, a física, a química, e, em certo sentido, a biologia _ quando se trata de elaborar métodos e de circunscrever objetos. Aliás, é o próprio Comte que insistentemente observa

que a filosofia positivista da Matemática possui o mesmo caráter propedêutico e instrumental da Lógica aristotélica, quando explana, na “Lição 3” do *Curso de Filosofia Positiva*, suas “Considerações filosóficas sobre o conjunto da ciência matemática” (Cf. “3e. Leçon”, in *Cours de Philosophie Positive*, ed. Hermann, T. I, p. pp. 65-82).

Contudo, do ponto de vista epistemológico, pensava Comte, embora fosse possível traçar proximidades entre a filosofia positivista e a aristotélica, sobretudo no âmbito de seus objetivos mais gerais, enquanto reflexões voltadas para a unificação da totalidade dos saberes, embora ambas fossem possuidoras de um saber propedêutico e instrumental, ainda assim, havia de se levar em conta a grande distância que as separava, de modo insuperável. Teria faltado à teoria aristotélica, como, em geral, a toda filosofia grega, um desenvolvimento de saberes assentados sobre firmes bases indutivas e dedutivas, a partir do quais pudesse nascer uma filosofia realmente *positivista*, conclui Comte no *Curso de Filosofia Positiva*.

Sob outro aspecto, contudo, a teoria aristotélica, como explica Comte, teria se desenvolvido “de acordo com fatos observados”. Escreve o filósofo, agora no *Sistema de Política Positiva*, que “na *ordem estática*, a lei fundamental estabelecida por Aristóteles, desenvolvida por Leibniz, e completada por Kant, consiste em *subordinar as construções subjetivas aos materiais objetivos*” (SPP, T. IV, p. 176, grifos meus). Comte refere-se aqui nesta passagem, muito evidentemente, aos textos éticos e à *Política* de Aristóteles e, nessa sua leitura, submete-os a uma interpretação positivista. Na verdade, na citação acima, ao se referir à *ordem estática*, Comte nos remete às suas próprias concepções, em particular, ao paradigma regulador da organização (Ordem) social que deve se sustentar permanentemente na “subordinação do subjetivo ao objetivo”, na forma de subordinação das “inclinações aos deveres” (SSP, T. II, p.174). Ora, essa subordinação da subjetividade humana à objetiva do mundo coincide, na teoria positivista, com a ordem estática da sociedade, aquela organização social eterna e permanente, subjacente a todas as sociedades, de todas as épocas históricas, sendo constituída pelos seguintes elementos universais: família, propriedade privada, poder espiritual e linguagem. Tais teses comteanas da *estática social*, parecem esboçar a leitura positivista da *Política* de Aristóteles, sobretudo do Livro I dessa obra, que particularmente pretendo elucidar.

Penso estudar os elementos da ordem estática da sociedade que, no decorrer do *Sistema de Política Positiva*, são vinculados à teoria política e à ética aristotélica. Apresento aqui alguns exemplos ilustrativos. Comenta Comte a respeito da questão, essencial para a política positivista, da “separação entre o poder temporal e o espiritual”: “Devemos, sem dúvida, admirar o incomparável Aristóteles que, em um tempo no qual os dois poderes estavam plenamente misturados, foi o único que soube sempre evitar as poderosas seduções da metafísica” (SPP, T. II, p. 274). Sobre a propriedade privada e a divisão do trabalho, escreve Comte: “Assim concebida, a instituição dos capitais” _ privados _ “torna-se a base necessária da separação dos trabalhos, sobre a qual, no começo da ciência real, o incomparável Aristóteles colocou o principal caráter prático da harmonia social” (SPP, T. II, p. 158). Ao pensamento aristotélico o positivismo atribui a gênese do conceito estático de família: “Com exceção do incomparável Aristóteles, único superior a todas as mais importantes aberrações, os filósofos gregos desconheciam inteiramente a verdadeira natureza da família humana e suas relações necessárias com a sociedade” (SPP, T. II, p. 177). Em Aristóteles, Comte vai buscar argumentos positivistas para a sua tese da “função subordinada” da mulher: “O maior dos filósofos, esboçando, há vinte séculos, a verdadeira teoria da ordem humana, dizia com uma admirável delicadeza, pouco freqüente nele: ‘A principal força da mulher consiste em superar a dificuldade em obedecer’ (...) é com a finalidade de melhor desenvolver sua superioridade moral que a mulher deve aceitar, com gratidão, a justa dominação prática do homem” (SPP, T II, p.193). Enfim estes e outros conceitos centrais da estática social _ ou teoria positivista da Ordem _ segundo podemos ler no *Sistema de Política Positiva* e em diversos outros textos comteanos menores, teriam suas raízes conceituais na *Política* de Aristóteles.

Aristóteles, no entanto, não apenas teria elaborado a base conceitual da estática positivista, mas também _ escreve Comte _ com a “ética do justo meio”, desenvolveu o “preâmbulo indispensável à *moral positivista*”, a qual, no *Sistema de Política Positiva*, é deduzida, passo a passo, das categorias da estática sociológica.

Além desses elementos teóricos de natureza político-moral, se acrescentariam, como elos conceituais entre a estática positivista e a política aristotélica, certas concepções biológicas, desenvolvidas nos chamados textos biológicos de Aristóteles, como em *Da geração dos animais* e *Das partes dos animais*. Comentando passagens do *corpus* biológico aristotélico, escreve Comte:

“Unicamente as concepções estáticas de Aristóteles deverão sobreviver à indispensável renovação da biologia primitiva.” (SPP, T. I, p. 574). Provavelmente Comte refere-se neste momento à regra, absoluta em Aristóteles, segundo a qual não se pode passar de um gênero a outro e que o semelhante produz sempre o semelhante. Este conceito se aplicado à biologia aristotélica, realmente, pode nos levar a aproximá-la da crença moderna na fixidez das espécies, tese que Comte, seguindo Lamarck, defendia em sua “filosofia da Biologia”, no *Curso de Filosofia Positiva*.⁶ Ora, é sob a inspiração do paradigma biológico dos séculos XVIII e XIX, que Comte desenvolve fundamentos essenciais da estática ou Ordem social e, portanto, da própria Sociologia positivista. Em que sentido a biologia aristotélica e seu conceito de gênero puderam, eles também, ser pensados como raízes da fundação sociológica comteana, é o que finalmente tratarei de investigar.

3. Justificativa

O atual projeto retoma e desenvolve o percurso que iniciei em minha tese de doutorado, *Sociologia comteana: gênese e devir*. Neste meu livro, procurei pensar a questão da gênese teórica da sociologia positivista. Para descrever essa gênese procurei percorrer os passos indicados de maneira imanente pelos próprios textos de Comte, e também daqueles que diretamente se entrelaçam com suas reflexões. Nesse sentido, percorri o devir conceitual da totalidade dessa obra, de modo imanente, desde as obras de juventude (1814-1819) até as de maturidade, o *Sistema de Política Positiva* e a *Síntese Subjetiva* (1856), que ficou inacabada.⁷ Para circunscrever aquela gênese teórica recorri aos paradigmas epistemológicos nos quais Comte foi sucessivamente se apoiando e igualmente abandonando, nas diversas tentativas que fez no sentido de construir a sociologia positivista. Estudei assim sucessivamente, o paradigma da economia política (de inspiração smithiana, e que determinou as escolhas conceituais centrais nos textos de juventude, como a de um “pacto dos produtores”); as limitações deste modelo o encaminharam para o

⁶ Esta ao menos é a tese, amplamente sustentada por François Jacob, em *La logique du vivant, Une histoire de l'hérédité*. Paris: Gallimard, 1970.

⁷ *Synthèse Subjective (ou Système universel des conceptions propres à l'état normal de l'Humanité)*, Tome premier contenant "Le système de logique positive ou Traité de Philosophie Mathématique", chez l'auteur et chez Victor Dalmont, Paris, 1856.

paradigma da história (quando elabora o conceito chave da teoria positivista _ a “lei dos três estados”_ que entrecruza a história espiritual da humanidade a um modelo estático de ordem social, no interior do qual, a maioria dos seres humanos estariam destinados à insuperável “submissão voluntária”); a necessidade de *naturalizar* a teoria social, leva-o paulatinamente ao paradigma da biologia (constrói-se aqui definitivamente a sociologia como “física social”) e ao paradigma da Religião (como representação ideológica inquestionável da Ordem positiva da submissão).

Como escrevi na “Introdução” ao livro *Sociologia comteana*, ao chegar às fronteiras do *Sistema de Política Positiva*, pensei haver cumprido amplamente o longo caminho imanente do devir conceitual que me conduziu da economia política à religião, passando pela História e pela Biologia. Nessa trajetória não caberia analisar o próprio *Sistema de Política Positiva*, enquanto tal. Como ainda expliquei naquela “Introdução”, essa tarefa ficava à espera de trabalho futuro, a partir de outras investigações mais amplas. Com o atual projeto de pesquisa penso completar o estudo que interrompi naquela ocasião, voltando-me especificamente para a releitura do *Sistema de Política Positiva*, sob a ótica de uma de suas problemáticas específicas. Como pude verificar naquela época e como apresentei detalhadamente logo acima, no *Sistema* o próprio Comte refere-se insistentemente às obras política e ética do *corpus* aristotélico, sempre no sentido de reconstruir a origem da filosofia positivista e da estática sociológica.

Além disso, inscreve-se, a presente investigação, em um quadro de preocupações bem mais amplas, que incide na questão da gênese da teoria social no século XIX. Os meus primeiros estudos nessa direção aconteceram no âmbito do mestrado, com a dissertação intitulada *A unidade (dilacerada) da razão positiva de Auguste Comte*. Neste trabalho, ao percorrer a totalidade do *Curso de Filosofia Positiva*, abordei criticamente a questão da objetividade imanente à teoria social comteana, discussão essa que se remetia, ainda que de modo indireto, à problemática das “ciências humanas”. As mesmas preocupações com a gênese da teoria social no século XIX, foram recolocadas, mais recentemente, no meu pós-doutorado, ocasião em que estudei as origens saint-simonianas da sociologia positivista e suas implicações com a crítica que Marx endereçou à doutrinas sociais utópicas. Esta última pesquisa, com três anos de duração, financiada pela Fapesp, resultou em um livro, ainda inédito, intitulado provisoriamente: *Da utopia industrial ao socialismo utópico (Um estudo da obra de Henri de Saint-Simon)*.

Pretendo que a presente investigação, quando realizada, possa se acrescentar a esse conjunto de estudos, que venho realizando há mais de vinte anos, e que tome a forma de um texto especificamente voltado para a questão da leitura positivista dos textos políticos e éticos de Aristóteles, sob preocupações com seus pretensos fundamentos positivo-biológicos.

4. Metodologia

Como se pode verificar pelo que foi apresentado até aqui, o atual projeto caracteriza-se, do ponto de vista metodológico, pela *ausência de uma hipótese claramente formulada*. Não penso trabalhar com hipóteses tomadas como fundamento, segundo a concepção metodológica de inspiração cartesiana⁸. Se adotasse esta orientação metodológica, necessariamente teria que começar a pesquisa propondo uma *tese bem definida*, (ou seja, no presente caso, a da *existência* _ ou, da *não-existência*) _ de vínculos teóricos da *estática social* positivista com o pensamento ético-político aristotélico; para somente em seguida tratar de, através de procedimento dedutivo-analítico, verificar a sua realidade efetiva nos textos de ambos autores. Este, contudo, não é o caminho teórico que escolhi.

A minha orientação metodológica é outra, penso as hipóteses como simples *pré-suposições*⁹. Ou seja, chamo de *pré-suposições* aos momentos em direção ao que deverá ser *posto* pelo devir do próprio objeto de análise. Neste sentido, posso dizer que penso trabalhar com diversas hipóteses ou *pressuposições*. As vinculações da *estática social* positivista com os textos aristotélicos, que é motivo da pesquisa, somente poderão ser explicitadas (ou *negadas*) quando a pesquisa tenha percorrido a totalidade de seu processo teórico¹⁰.

⁸ Colocando-se do ponto de vista de uma “lógica do entendimento” (é Hegel que opõe “lógica do entendimento” à “lógica especulativa ou dialética”), Descartes pensou as “regras para a direção do espírito”. Podemos ler na “5a. Regra»: « Toute méthode consiste dans l'ordre et l'arrangement des objets sur lesquels il faut faire porter la pénétration de l'intelligence pour découvrir quelque vérité. Nous y resterons soigneusement fidèles, si nous ramenons graduellement les propositions compliqués et obscures à des propositions plus simples, et ensuite si, partant de l'intuition de celles qui sont les plus simples de toutes, nous tâchons de nous élever par les mêmes degrés à la connaissance de toutes les autres. », (DESCARTES, *Règles pour la direction de l'esprit*, Paris, Vrin, 1970, p. 31; A.T., 379-380, 22-23).

⁹ O sentido originário aproximado da palavra grega *hypothese* é *aquilo que foi posto sob*, ou seja, aquilo que aparece como fundamento provisório e deve, pois, ser posteriormente superado. Este é o sentido de *hypothese* utilizado por Platão no célebre trecho da “linha do conhecimento”, no Livro VI da *República*.

¹⁰ Como se pode perceber, penso utilizar um método de inspiração dialética. Para uma discussão do método dialético, remeto a Rui Fausto, *Marx: Lógica e Dialética*, São Paulo, Brasiliense, 1987. Em particular, no capítulo 1, “Dialética marxista, humanismo, anti-humanismo”, Fausto explica o conceito dialético de *pressuposição*. Ver também: Benoit, Hector, “A dialética hegeliana como superação da dialética platônica”, in revista *Idéias*, ano I, n° 1, 1994, Unicamp.

De início, e do ponto de vista do meu projeto, as aproximações positivismo/aristotelismo aparecem ainda vazias de qualquer conteúdo, ou seja, aparecem ainda em sua pura indeterminação. Contudo, as leituras e estudos anteriores sobre esta temática certamente aparecem, do ponto de vista do método que adoto, como *pressupostos* do meu projeto, embora sejam bem limitadas, já que se trata de abordagem talvez inédita, pelo que pude verificar. Como opção metodológica, escolhi então tomar como pressupostos teóricos algumas obras “clássicas” sobre o positivismo que, por sua abrangência e rigor, ao menos podem indicar pistas a serem exploradas, como os estudos de Henri Gouhier e Paul Arbousse Bastide, entre outros mais recentes. Também escolhi como pressupostos teóricos, os estudos mais recentes sobre a política, a ética e a biologia aristotélicas. Seria correto e rigoroso, do ponto de vista do método empregado, dizer que os estudos exegéticos, enquanto pressupostos, formam o campo de gênese da minha própria reflexão. Trabalharei, portanto, com hipóteses no sentido de *pressuposições*.

Deverei também trabalhar com a pressuposição da *não*-existência de vinculações da estática social positivista com a teoria política e ética de Aristóteles. Esta pressuposição, que deverei considerar, leva em conta as minhas próprias pesquisas anteriores (relativas à leitura comteana da tese de Rousseau e de Condorcet)¹¹. Por meio desses estudos anteriores pude concluir o seguinte: as interpretações positivistas costumam enfatizar, acima de tudo, aspectos epistemológicos relativos ao *método*, ao invés de discutir o conteúdo doutrinário, se assim se pode dizer (por exemplo: segundo o positivismo, Rousseau teria defendido a soberania política da *vontade geral* devido a um *erro* metodológico, ou seja, por ter empregado, em suas pesquisas, o “método metafísico” que, no lugar de observar fatos positivos, constrói casualidades imaginárias).

Mas certamente um outro campo, ainda mais amplo, de discussões está na gênese de minha própria reflexão. A atual pesquisa tem como pressuposição o meu próprio trabalho de doutorado relativo à *fundação da sociologia*, no século XIX¹², que foi ampliado e aprofundado no pós-doutorado.

¹¹ Cf. Sobre Rousseau, artigo de minha autoria: “A soberania política da vontade geral como ‘ilusão metafísica’ (Comte, leitor de Rousseau)”, in revista *Trans/Form/Ação*, Volume 30(1), 1º. semestre de 2007 (no prelo). Sobre Condorcet, capítulo 6, intitulado “Crítica à teoria iluminista do Progresso”, in *Sociologia comteana: gênese e devir*, ed.cit, pp. 133-210.

¹² Cf. *Sociologia comteana: gênese e devir*, ed.cit. (em anexo).

Devo trabalhar, ao mesmo tempo, com *pressupostos não-teóricos* (pré-supostos do ponto de vista do *projeto*), ou seja, a história dos séculos XVIII e XIX (que do ponto de vista *histórico*, evidentemente, é algo já *posto*). O processo histórico _ que vai da revolução burguesa de 1789 à revolução operária de 1848 e à Comuna de Paris de 1871 _ faz parte fundamental do campo das pressuposições *textuais* à leitura que Comte fez a determinados textos aristotélicos. Assim é que, as vinculações com o processo histórico, tanto quanto possam ser reveladas e postas *pelos próprios textos* de Comte, serão consideradas.

Todos estes *pressupostos* (ou hipóteses) sustentarão minhas reflexões e estudos sobre as possíveis vinculações e ou afastamento entre o positivismo e o aristotelismo, no âmbito das idéias políticas e éticas. No decorrer da pesquisa, à medida que for reconstruindo o devir conceitual da estática sociológico-positivista e que, de modo imanente, possa recuperar a problemática de seus possíveis vínculos com o pensamento aristotélico, estas mesmas hipóteses serão *ultrapassadas* (no sentido hegeliano de *Aufhebung*) e assim re-fundadas enquanto postas pela análise realizada.

Em minha tese de doutorado, empreguei este mesmo método de trabalho. Através da leitura dos textos de Auguste Comte (mesmo daqueles excluídos do *corpus* positivista pela exegética e algumas vezes, pelo próprio autor), pude reconstituir, de modo imanente, a gênese e o devir teóricos da sociologia positivista. Ora, surpreendentemente, no próprio devir conceitual, na letra dos textos, revelaram-se aspectos fundamentais da sociologia comteana que têm sido ignorados _ ou até mesmo, negados _ pela tradição crítica. Revelaram-se sobretudo, com surpreendente nitidez, as motivações ideológico-políticas que se encontram na raiz do projeto comteano.

Para concretizar o presente projeto, de início realizarei uma leitura imanente do *Sistema de Política Positiva*, segundo a ordem lógica de seu devir interno, sem privilegiar, pelo menos nesse momento da pesquisa, qualquer leitura ou ordenamento tradicionais. A seguir, procederei ao recorte dos enunciados que podem ser remetidos direta ou indiretamente à problemática da estática social. No interior desse conjunto de enunciados, tratarei de reconstruir a leitura comteana da teoria política e da ética de Aristóteles. Em uma segunda etapa, me dedicarei à leitura da *Política*, da *Ética a Nicomaco* e da *Ética a Eudemo*, assim como dos chamados escritos biológicos de Aristóteles, sobretudo *Da geração dos animais* e *Das partes dos animais*, igualmente procurando

reconstruir, inicialmente, o seu devir lógico e interno. Para realizar este estudo sobre Aristóteles, me apoiarei na literatura crítica contemporânea. De posse dessa ampla rede de enunciados, passarei então a desenvolver minhas próprias reflexões e conclusões, em um ensaio especificamente voltado para a temática que escolhi investigar.

5. Plano de trabalho e cronograma de execução

1º) Estudo do *Système de Politique Positive, do ponto de vista da atual pesquisa* (cf. *Síntese Bibliográfica*, item I). Leitura e estudo das obras que discutem as questões que envolvem a construção sociológica de Comte, sob o aspecto da estática social ou teoria da Ordem e da biologia positivista (cf. *Síntese Bibliográfica*, itens I. e I.1., I.2).

Duração: 4 meses.

2º) Leituras e estudos dos textos do *corpus* aristotélico relacionados com o atual projeto.(cf. *Síntese Bibliográfica*, item II.1. e II.2.)

Duração: 5 meses.

4º) Redação de ensaio com a finalidade de descrever e de refletir sobre a leitura e interpretação comteana da teoria ética e política aristotélica, e de suas pretensas fundações biológicas.

Duração: 3 meses.

6. Síntese da bibliografia fundamental

As obras listadas na presente bibliografia estão disponíveis nas bibliotecas da USP, UNICAMP, PUC-Monte Alegre e na Biblioteca Municipal “Mário de Andrade” (que tem importante acervo sobre o positivismo); ou então, são livros ou xerox que adquiri durante estadia em outros países,

sobretudo, na França e na Inglaterra. **Trata-se, contudo, de uma bibliografia que, dado seu caráter sintético, deverá necessariamente ser ampliada e modificada.**

I. Auguste Comte e a questão da gênese aristotélica da “estática social”

Système de Politique Positive, ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité (1851-1853), 4 vols., Paris, ed. Carilian-Goeury et Dalmont:

- **Tomo I:** *Le Discours préliminaire et l'Introduction fondamentale*, publicado em julho de 1851.
- **Tomo II:** *La Statique sociale ou le Traité abstrait de l'Ordre Humain*, publicado maio de 1852.
- **Tomo III:** *La Dynamique sociale ou le Traité générale du Progrès Humain*, publicado em agosto de 1853.
- **Tomo IV:** *Le Tableau synthétique de l'Avenir Humain*, août 1854.

I.1. Auguste Comte e a questão da gênese aristotélica da “estática social” (Comentadores)

ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. *L'Éducation universelle dans la Philosophie d'Auguste Comte (Principe d'unité systématique et fondement de l'organisation spirituelle du Monde)*, 2 vols., Paris, PUF, 1957.

ARNAUD, P. *La pensée d'Auguste Comte*, Paris, Bordas, 1969.

ARNAUD, P. *Politique Positive*, Paris, A. Colin, 1965.

_____ *Le nouveaux Dieu. Préliminaires à la Politique Positive*, Paris, Vrin, 1973.

BAUMANN, Antoine: *Le programme politique du Positivisme*, Paris, Perrin et Cie., 1904.

BENOIT, Lelita O. *Sociologia comteana: gênese e devir*. São Paulo: Discurso Editorial/Fapesp, 1999.

_____ *Augusto Comte, fundador da física social*. Col. “Logos”. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. *A unidade (dilacerada) da razão positiva de Auguste Comte*. (Tese de mestrado), USP, 1991.

BENSAUDE-VINCENT, Bernadette: "L'Astronomie populaire, priorité philosophique et projet politique", in *Revue de Synthèse*, n° 1, janvier-mars, 1991, pp. 49-60.

COTTIN, Paul: *Positivisme et anarchie*, Paris, Félix Alcan, 1908.

DELAMARRE, Alexandre J.-L.: "Le Pouvoir spirituel et la ruine de la constitution catholique chez Joseph De Maistre et Auguste Comte", in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, avr. 1986, Paris, P.U.F., 1986, pp.423-459.

FLETCHER, R.: "Comte and Marx" in *The crisis of industrial civilization. The early essays of Auguste Comte*, Heinemann Educational Books Ltd., Londres, 1974.

- GOUHIER, H. : *La Jeunesse d'Auguste Comte et la formation du Positivisme*, 3 vols., Paris, ed. Vrin, 1933.
- GUILMAIN, L.S.: *La sociologie d'Auguste Comte. Ce qu'elle doit à la biologie du début du XIXe siècle*, Alger, Carbonel, 1922.
- GUYÉNOT, E.: *L'évolution de la pensée scientifique: les sciences de la vie aux XVIIe. et XVIIIe. siècles*, , Albin, Michel, Paris, 1957.
- HEILBRON, Johan: "Theory of Knowledge and Theory of Science in the Work of Auguste Comte", in *Revue de Synthèse*, n° 1, janvier-mars, 1991, pp.75- 89.
- KREMER-MARIETTI, Angèle: *Le projet anthropologique d'Auguste Comte*, Paris, Société d'édition d'enseignement supérieur, 1980.
- LITTRÉ, Emile: *Auguste Comte et la philosophie positive*, Paris, Hachette, 1863.
- _____ : *Positivismo y gobierno*, Buenos Aires,editorial Tor, s/d.
- _____ : *Remarques sur le socialisme*, in *Revue La Philosophie Positive* [dirigida por Littré et G. Wyrouboff], n° 3, nov.déc. 1871, pp. 416-430.
- MACHEREY, P.: "Le positivisme entre la révolution et la contre-révolution: Comte et Maistre", in *Revue de Synthèse*, n° 1, janvier-mars, 1991, Paris, Albin-Michel, 1991, pp. 41-47.
- MARCUSE, *Razão e Revolução*, Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 3a. ed., 1978.
- MILHAUD, G.: "L'idée d'ordre chez Aug. Comte", in *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, juillet, 1901, pp.385-406.
- PETIT, Annie: "La révolution occidentale selon Auguste Comte: entre l'histoire et l'utopie", in *Revue de Synthèse*, n° 1, janv.-mars 1991, pp. 21-40.
- RUTTEN, Christian: *Essais sur la morale d'Auguste Comte*, Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- STUART MILL, J.: *L'Assujettissement des Femmes*, trad. franc. par E. Cazelles, Paris, ed. Guillaumin, 2e. ed., 1876.
- _____ : *Auguste Comte et le positivisme*, trad. franc. , Paris, Germer Baillière 1872.

I.2. A biologia comteana e os estudos epistemológicos em torno dela (Comentadores)

- ALLEN, Garland. *Life Science in the Twentieth Century*. New York: Wiley, 1975.
- BALAM, Bernard: *L'Ordre et le Temps, anatomie comparée et histoire du vivant au XIX siècle*, Paris Vrin, 1969.
- BALTIMORE. *The Spontaneous Generation Controversy from Descartes to Oparin*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1977.
- BRAUNSTEIN, J.-F. "Antipsychologisme et philosophie du cerveau chez Auguste Comte", In *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 52, número 203, jan. 1998, pp. 7-29.
- CANGUILHEM, G. :*Le Normal et le Patologique*, Paris, Quadrige/PUF, 5 ed., 1984.
- CANGUILHEM, G.. *La connaissance de la vie*, Paris, ed.Vrin, 1985.

- _____ *Études d'Histoire et de Philosophie des Sciences*, Paris, Vrin, 1989.
- COLEMAN, William. *Biology in the Nineteenth Century: Problems of Form, Function, and Transformation*. New York: Wiley, 1971.
- _____ *Biology in the Nineteenth Century (Problems of form, function, end transformation)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- DOBZHANSKY, Theodosius. "Nothing in Biology Makes Sense Except in the Light of Evolution." *American Biology Teacher* 35, 1973: 125–129.
- JACOB, F.: *La logique du vivant, une histoire de l'hérédité*, Paris, Gallimard, 1970.
- LANTERI-LAURA: *Histoire de la phrénologie, l'homme et son cerveau selon J.-F. Gall*, PUF, Paris, 2000.
- LOEB, Jacques. *The Mechanistic Conception of Life*. Chicago: University of Chicago Press, 1912.
- LOVELOCK, James. *The Ages of Gaia: A Biography of Our Living Earth*. New York: Norton, 1988.
- MAYR, E.. *The Growth of Biological Thought: Diversity, Evolution, and Inheritance*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.
- MAYER, E.. *This Is Biology: The Science of the Living World*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997.
- MAYER, E. "Cause and Effect in Biology." *Science* 134, 1961, p. 1501–1506.
- MOORE, John A. *Science as a Way of Knowing: The Foundations of Modern Biology*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993.
- MORTON, A. G. *History of Botanical Science: An Account of the Development of Botany from Ancient Times to the Present Day*. New York: Academic Press, 1981.
- MOURGUE, Raoul: *La Philosophie Biologique d'Auguste Comte (extraits des archives d'anthropologie criminel et de médecine légale)*, Lyon, A. Rey et C., 1909.
- NORDENSKIÖLD, Erik. *The History of Biology*. New York: Tudor, 1936.
- NYHART, Lynn. *Biology Takes Form: Animal Morphology and German Universities, 1800–1900*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- PAULY, P.J.. *Controlling Life: Jacques Loeb and the Engineering Ideal in Biology*. Berkeley: University of California Press, 1987.
- PILLON, François, in *Revue Philosophique* 1878: n° 4, pp. 54-64: "Claude Bernard, sa conception comparée à celle du positivisme"; n° 5, pp. 72-79: "La biologie d'Auguste Comte et selon Claude Bernard"; n° 9, pp. 129-138: "La méthode en biologie, Cuvier, Blainville et Auguste Comte".
- RICHARDS, Robert J. *The Romantic Conception of Life*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- SCHARFF, R. *Comte after positivism*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1995.
- SINACEUR, Allal: "Les sciences de la vie", in COMTE: *Cours de Philosophie Positive*, 2 vols., Paris, ed. Hermann, 1970, T. I ("Philosophie Première").
- SMOCOVITIS, Vassiliki Betty. *Unifying Biology: The Evolutionary Synthesis and Evolutionary Biology*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1996.
- YOUNG, R.M: *Mind, brain and adaptation in the nineteenth century*, Oxford, 1970.

II. Obras do *corpus* aristotélico selecionadas do ponto de vista desta pesquisa

- *The Works of Aristotle translated into English*, sob a direção de J.A. Smithe W.D. Ross, 12 vols. Oxford, 1908-1952.
- *De la génération des Animaux*. Texto estabelecido e traduzido por Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
- *La Politique*. Texto estabelecido e traduzido por J. Aubonnet. Paris: Les Belles Lettres.
- *Éthique à Nicomaque*. Tradução, notas e index por J. Tricot. Paris: Vrin, 1983.
- *Métaphysique*. Edição com comentário de J. Tricot., Paris: Vrin, 1966.
- *Éthique à Eudème*. Tradução de Vianney Décarie. Paris : Vrin, 1984.

II. 1. A ética e a política aristotélicas (Comentadores)

- AUBENQUE, Pierre. “Théorie et pratique politiques chez Aristote” in: *La “Politique” d’Aristote*, Vandoeuvres-Genebra: Fondation Hardt, 1965.
- BENOIT, Hector. “Metafísica e Política na *Ousia* aristotélica”, in: revista *Idéias*, ano 2, n. 2, jul-dez 1995, pp. 5-28.
- BESNIER, B. “A distinção entre *praxis* et *poiesis* em Aristóteles”, in *Analytica*, v. 1, n. 3, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- BOUDÉUS, Richard. *Le Philosophe et la Cité. Recherches sur les rapports entre la morale et la politique dans la pensée d’Aristote*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.
- BOUTROUX, E. “Aristote de la Grande encyclopédie” (1886). In revista *Études de l’histoire de la philosophie*, 1897, pp. 312 sgs.
- BROADIE, Sarah. *Ethics with Aristotle*. New York: Oxford University Press, 1991.
- BRUNSCHVIG. *L’expérience humaine et la causalité physique*. Paris : P.U.F., 1949.
- FEUSTUGIERE, A.-J. *Liberté et civilisation chez les Grecs*. Paris: éd. la Revue des jeunes, 1947.
- GAUTHIER, R.A. *La morale d’Aristote*. Paris: Presses Universitaire de France, 1958.
- _____. *A. Introduction à l’Éthique à Nicomaque*. Louvain-Paris: Nauwelaets, 1958.
- HAMELIN, O. *Le système d’Aristote*. Paris: Vrin, 1920.
- HEIDEGGER. *Qu’est-ce que la philosophie*. Trad. franc. Paris: Gallimard, 1957.
- JAEGER, W. *Aristotle*. Oxford: Oxford Univesity Press, 1948.
- ROBIN, L. *La pensée grecque et les origines de l’esprit scientifique*. Paris, 1923.

ROSS, W.D. *Aristote*. Trad. francesa. Paris: Payot, 1926.

STARK, R., Allan, J. AUBENQUEA, P. MORAUX, P., WEIL, R., GIGON, O.. *La "Politique" d'Aristote*. In: *Entretiens sur l'Antiquité classique*, Tome XI. Vandoeuvres-Genebra, 31/08/1964.

ZINGANO, M. "Particularismo e universalismo na Ética aristotélica", in revista *Analytica*, v. 1, n.3, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

II.2. A "biologia" aristotélica (Comentadores)

BALME, D.M. "Aristotle's biology was not essentialist," in Gotthelf & Lennox, 1987, pp. 291-312.

BALME, D.M. "Aristotle's Use of Differentiae in Zoology," in S. Mansion (Ed.), *Aristote et les problèmes de méthode*, Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1961, pp. 195-212.

BOLTON, R.. "Definition and Scientific Method in Aristotle's *Posterior Analytics* and *Generation of Animals*," in Gotthelf & Lennox 1987, pp. 120-66.

CHARLES, D. *Aristotle on Meaning and Essence*, Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. "Aristotle on Hypothetical Necessity and Irreducibility," *Pacific Philosophical Quarterly*, 1988, 69: 1-45.

DEVEREUX, D. & PELLEGRIN, P. (Eds.) *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: Éditions du CNRS, 1990.

GOTTHELF, A. . "First principles in Aristotle's *Parts of Animals*," in Gotthelf & Lennox 1987, pp. 167-98.

GOTTHELF, A. & LENNOX, J.G. (Eds.). *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. (Ed.). *Aristotle on Nature and Living Things: philosophical and historical studies presented to David M. Balme on his seventieth birthday*, Pittsburgh: Mathesis, 1985.

_____. "Notes towards a study of substance and essence in Aristotle's *Parts of Animals* II-IV," in Gotthelf 1985, pp. 27-54.

GRANGER, G.-G. *La théorie aristotélicienne de la science*. Paris, 1976.

HENRY, D. "Themistius and Spontaneous Generation in Aristotle's *Metaphysics*," *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, 2003, 24: 183-208.

_____. "Understanding Aristotle's Reproductive Hylomorphism," *Apeiron: A Journal of Ancient Philosophy and Science*, 2006, 39/3: 269-300.

LENNOX, J. *Aristotle's Philosophy of Biology: Studies in the Origins of Life Science*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. G. *Aristotle: On the Parts of Animals, translation with introduction and commentary* (Clarendon Aristotle Series), Oxford University Press, 2001.

_____. "Aristotle on the Unity and Disunity of Science," *International Studies in Philosophy of Science*, 2001, 15/2: 133-144.

LLOYD, G.E.R. . "Aristotle's zoology and his metaphysics. The *status quaestionis*. A critical review of some recent theories," in Devereux & Pellegrin 1990, pp. 7-36.

_____. "Empirical research in Aristotle's biology," in Gotthelf & Lennox, 1987, pp. 53-64..

- OWEN, R. (1992). *The Hunterian Lectures in Comparative Anatomy (May and June 1837)*, Phillip Reid Sloan (Ed.), Chicago: University of Chicago Press.
- PELLEGRIN, Pierre. *Aristotle's Classification of Animals: Biology and the Conceptual Unity of the Aristotelian Corpus*, trans. by Anthony Preus, Berkeley: University of California Press, 1986.
- _____. “Les fonctions explicatives de l’Histoire des animaux d’Aristote”, in: revista *Phronesis*, 1986, vol. XXX, 1/2, pp. 145-200.
- ROBERT, Joly. “La biologie d’Aristote”. in: *Revue philosophique de la France et de l’Etranger*. Paris, 1968, pp. 219-352.
- WOLTERS, G. & CARRIER, M. (Eds.). *Homo Sapiens und Homo Faber: epistemische und technische Rationalität in Antike und Gegenwart*, Festschrift für Jürgen Mittelstrass, Berlin: De Gruyter, 2005.
- WOLTERS, Gereon e LENNOX, James G., editors, *Concepts, Theories, and Rationality in the Biological Sciences*, Konstanz University Press and Pittsburgh University Press, Konstanz, 1995.

II. 3. Outras obras a serem consultadas

- AUBENQUE, Pierre. *Le Problème de l’Être chez Aristote. Essai sur la problématique aristotélicienne*. Paris: Presses Universitaire de France, 1962.
- _____. (org.) *Études sur la Métaphysique d’Aristote*. Paris: Vrin, 1979.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la langue grecque*. 2 T. Paris: Klincksieck, 1983.
- GILSON, E. *L’être et l’essence*. Paris: Vrin, 1948.
- GOLDSCHMIDT, Victor. *Temps physique et temps tragique chez Aristote*. Paris: Vrin, 1982.
- ROBIN, L. *La pensée grecque et les origines de l’esprit scientifique*, Paris, 1923.

São Paulo, 20 de maio de 2007